



Os Implícitos em Anúncios Publicitários e em Histórias em Quadrinhos¹

Rodolfo Sgorla da SILVA²

Elias José MENGARDA³

Universidade Federal de Santa Maria – Centro de Educação Superior Norte do Rio
Grande do Sul

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar os componentes de conteúdo pragmático em textos orais e escritos a partir dos princípios da pragmática da comunicação. A metodologia para analisar as categorias pragmáticas são as propostas e descritas por Koch (2006) e Fiorin (2006), com ênfase nos operadores argumentativos e pressuposições presentes nos diálogos e anúncios publicitários publicados em jornais. Os resultados demonstraram que os produtores dos signos linguísticos e visuais adotaram estratégias de linguagem que provocam efeitos de sentidos a partir dos proferimentos dos enunciadores.

PALAVRAS-CHAVE: Língua; Pragmática; Atos de Fala.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa estudar os aspectos pragmáticos presentes em textos orais e escritos. A Pragmática da Comunicação lançou novo olhar sobre a língua não só como um código de regras internalizado, mas como manifestação que produz sentidos, às vezes surpreendentes entre os interlocutores envolvidos nos mais diferentes contextos de interação.

Para implementar este estudo enfocaremos os conceitos de operadores

¹ Trabalho apresentado no DT Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFSM-Cesnors, email: rodolfosgdasilva@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFSM-Cesnors, e-mail: eliasmengarda@yahoo.com



argumentativos, marcadores de pressuposição, índices de modalidade, indicadores atitudinais e tempos verbais. Sabemos que o sistema linguístico compreende aspectos essenciais como a fonologia, a morfologia a sintaxe e a Semântica. Para o caso de enfocarmos os estudos pragmáticos, significa que os aspectos não-referenciais serão essenciais nesse estudo. Importa verificar os sentidos que os enunciados proferidos em situações determinadas provocam sobre os interlocutores. Como vemos, a pragmática também dedica-se especialmente a analisar o uso que se faz da língua, considerando o ambiente, o tempo e os objetivos visados pelos sujeitos envolvidos na interlocução. Ou seja, a Pragmática estuda o sentido que as palavras e frases geram dentro do contexto em que foram emitidas, levando em consideração a influência deste, na construção de enunciados (frase dita em um momento específico) e a significação que a enunciação (ato que o enunciador faz ao emitir uma mensagem no momento e lugar em que o emite) possui com relação ao contexto.

A Pragmática enfatiza a concepção de que a linguagem é um mecanismo de interação social. De acordo com Fiorin (2002, p. 166), “a Pragmática estuda a relação entre a estrutura da linguagem e seu uso [...]. O estudo do uso é absolutamente necessário, pois, há palavras e frases cuja interpretação só podem ocorrer na situação concreta de fala”. Já Koch (2006, p. 9) afirma que a linguística pragmática refere-se “à linguagem enquanto atividade, para as relações entre a língua e seus usuários e, portanto, para a ação que se realiza na e pela linguagem”. Se a utilização da linguagem como atividade não fosse intrínseca ao contexto, grande parte daquilo que o ser humano emitisse linguisticamente não seria entendido. A emissão dos proferimentos só pode ser entendida se os interlocutores estão num contexto específico de comunicação. A compreensão dos enunciados requer muitas vezes a necessidade de realizar inferências para descobrir o que o locutor quis dizer. Desse modo, cresce a importância de compreender os implícitos manifestados entre os interlocutores para que ocorra a efetiva comunicação.

Como se percebe, os aspectos pragmáticos recuperaram uma dimensão da linguagem que é essencial à interação, que é a intencionalidade subjacente aos enunciados emitidos. Ou seja, nem tudo está dito ou explícito num enunciado, mas a compreensão pode ser imediata, devido aos aspectos contextuais, como espaço, tempo e interlocutores envolvidos na enunciação. Isso também se processa em textos escritos.



2 A LINGUAGEM COMO ATIVIDADE

Como já aludimos acima, enfatizamos que a pragmática é um ramo da Linguística que analisa o uso que o homem faz da linguagem à luz do momento em que determinados proferimentos ocorrem e que enunciadores estão envolvidos. Segundo Koch (2006), as concepções de língua podem ser classificadas de três maneiras. A primeira concepção percebe a língua como espelho do mundo e do pensamento; a segunda, como instrumento de comunicação e a terceira concepção, como lugar de (inter) ação.

Na primeira concepção, os filósofos gregos concebiam-na como reflexo do conhecimento que o homem possui do mundo e que ao utilizar a língua o homem expõe exatamente o seu pensamento. Esta concepção é falha, conforme Koch (2006), em virtude do fato de que o ser humano utiliza a linguagem em uma diversidade de contextos muito ampla e que, no uso da linguagem, há o sentido de economia e a transferência de objetos para contextos diferentes daqueles em que usualmente estão contidos, como por exemplo, a expressão “meia-lua”.

A segunda concepção aborda “a língua como um código por meio do qual um emissor comunica a um receptor determinadas mensagens” (KOCH, 2006, p. 7). Este esquema emissor/receptor não consegue dar conta de toda a dinâmica de processamento da informação porque o cérebro humano não é uma máquina, portanto, diferentes indivíduos reagiriam diferentemente a um mesmo estímulo, ou a uma mesma mensagem, mesmo que emitida ao mesmo tempo para todos esses indivíduos. A terceira concepção aborda “a linguagem como atividade ou como forma de ação” (KOCH, 2006, p. 7). Isso significa que a língua é vista a partir do modo como o usuário utiliza a língua nos seus variados contextos. Entende-se que a linguagem pode provocar determinadas ações.

Esta concepção parece ser a que melhor representa ou dá conta dos fenômenos linguageiros. Acrescente-se a isso, o fato de que a pragmática busca, conforme Koch (2006), analisar a capacidade humana de agir socialmente por meio da língua que utiliza, de diferentes formas e com diversos propósitos.



Na perspectiva pragmática, a linguagem é considerada como forma de ação; cada ato de fala (batizar, permitir, mas também prometer, afirmar, interrogar, etc.) é inseparável de uma instituição, aquela que este ato pressupõe pelo simples fato de ser realizado. Ao dar uma ordem, por exemplo, coloco-me na posição daquele que está habilitado a fazê-lo e coloco meu interlocutor na posição daquele que deve obedecer; não preciso, pois, perguntar se estou habilitado para isto: ao ordenar, ajo como se as condições exigidas para realizar este ato de fala estivessem efetivamente reunidas. Dito de outra forma, não é porque este ato foi efetuado que se consideram reunidas estas condições (MAINGUENEAU, 1997, p. 29 – 30).

Também Maingueneau (1997) corrobora a noção de linguagem como forma de agir socialmente, da qual Koch (2006) é defensora, e enfatiza o argumento de que a linguagem é um lugar e forma de interação, por meio do esquema de que aquele que fala institui-se como capaz de fazê-lo, contando com a concordância do interlocutor. Maingueneau (1997, p. 30 – 31) também afirma:

Logo, um sujeito ao enunciar presume uma espécie de “ritual social da linguagem” implícito, partilhado pelos interlocutores. [...] A pragmática também faz empréstimos junto ao *domínio do jogo*, o que é bastante natural, dadas as fortes afinidades entre jogo, dramaturgia e convenções sociais, sobretudo na cultura anglo-saxã. Pode-se, assim, enfatizar, juntamente com Searle, que as regras de jogo, bem como as dos atos de fala, são “constitutivas”: “Quando falamos, adotamos uma forma de comportamento intencional regida por regras”.

A concordância do interlocutor é coadunada a um determinado cumprimento de regras a que o locutor está submetido, talvez a isso se refira o princípio da cooperação de Paul Grice, que será abordado no item 3.8, que afirma que até mesmo para discordar os interlocutores estão submetidos a regras, como a do entendimento entre si. A linguagem como forma de ação e a ideia de que quando os interlocutores fazem uso da linguagem estão em um jogo, serão explicitadas a seguir, a partir de algumas teorias acerca da Pragmática da Linguística, tais como os Atos de Fala, de Austin (1965), Grice (1975) e Koch (2006).

2.1 Teoria dos Atos de fala

Neste trabalho destaca-se a teoria dos Atos de Fala. Esta teoria tem como representante maior Austin. De acordo com Koch (2006), a ideia principal é a de que



todo dizer é um fazer, estabelecendo a noção de linguagem como forma de ação. Austin introduz a idéia dos atos locucionário, ilocucionário e perlocucionário.

O ato locucionário consiste na emissão de um conjunto de sons, organizados de acordo com as regras da língua. [...] O *ato ilocucionário* atribui a esse conjunto (proposição ou *conteúdo proposicional*) uma determinada *força*: de pergunta, de asserção, de ordem, de promessa, etc. [...] *Ato perlocucionário* é aquele destinado a exercer certos efeitos sobre o interlocutor: convencê-lo, assustá-lo, agradá-lo (KOCH, 2006, p. 18).

Basicamente, os atos locucionários, ilocucionários e perlocucionários explicitam que os enunciados visam atender aos objetivos do enunciador e causar algum tipo de efeito no receptor. A teoria dos atos de fala ainda classifica os enunciados em diretos e indiretos. Os atos diretos explicam-se nos seguintes exemplos: “que dia é hoje?”, “faça-me um favor.”, ou seja, são atos de fala dotados de características para ordens ou perguntas, por exemplo, e que expressam literalmente o que querem. Já os atos indiretos se realizam através de outras formas, variando de pessoa para pessoa a capacidade para compreender a verdadeira força ilocucionária. Por exemplo: “Você sabe que horas são?”, “Quer abrir a janela?”. São atos de fala que fazem uso da cordialidade para chegar ao resultado. A pessoa que emite “você sabe que horas são?”, não quer saber se o receptor sabe que horas são e, sim, que este diga-lhe o horário. No segundo exemplo ocorre algo parecido: “Quer abrir a janela?” é uma maneira de pedir para que o receptor abra a janela.

Para que um ato de fala alcance os objetivos visados pelo locutor, é necessário que o interlocutor seja capaz de *captar* a sua intenção; caso contrário, o ato será inócua (KOCH, 2006, p. 21-22). Destaca-se, portanto, a necessidade de cooperação entre os interlocutores, para que haja efetividade na enunciação.

3 LINGUAGEM E OS COMPONENTES PRAGMÁTICOS

Um importante mecanismo para se perceber que o uso da linguagem é condicionado ao contexto em que se encontra o emissor são os componentes que podem ativar conteúdos de cunho pragmático. Conforme Koch (2006) “o uso da linguagem é essencialmente argumentativo: pretendemos orientar os enunciados que produzimos no



sentido de determinadas conclusões (com exclusão de outras). Em outras palavras, procuramos dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa”.

Essa argumentatividade que permeia cada uso que fazemos da linguagem pode ser percebida por meio do uso de componentes pragmáticos, tais como os operadores argumentativos, marcadores de pressuposição e implícitos.

3.1 Operadores Argumentativos

Em seguida, abordaremos os operadores argumentativos. Estes são elementos linguísticos que mostram, indicam a força argumentativa dos enunciados. Ducrot (1976) faz uso das noções de escala e classe argumentativa. Na primeira, argumentos com o mesmo sentido são apresentados de forma que haja um argumento com maior peso do que os demais. Na segunda, todos os argumentos possuem o mesmo peso, apontando para o mesmo objetivo. Com base em Koch (2006), estabelece-se a noção de que há operadores que assinalam o argumento de maior peso no sentido de uma conclusão, estabelecendo uma escala argumentativa, como: “até”, “mesmo” e “inclusive”. Existem, também, os que designam uma classe argumentativa, apenas somando os argumentos de uma dada conclusão: “e”, “também”, “ainda”, “nem”, “tanto” e “além disso”.

Alguns operadores argumentativos introduzem uma conclusão: “portanto” e “consequentemente”; e outros que estabelecem oposição entre conclusões: “ou” e “seja... seja”. Os operadores podem, também, realizar comparações: “mais que” e “menos que”; introduzir uma justificativa: “porque” e “pois”; contrapor argumentos: “mas” e “porém”; enunciar um conteúdo pressuposto: “já” e “ainda”. Há, ainda, “pouco” e “apenas” (negação total) e “um pouco” e “quase” (afirmação total).

3.2 Marcadores de Pressuposição

Conforme Koch (2006), os operadores argumentativos apresentam no enunciado conteúdos marcados de modo explícito. Quando não há um operador argumentativo, o conteúdo sem a presença deste passa a se chamar pressuposto. O marcador de pressuposição é o responsável pela sua introdução no enunciado. O marcador pode ser um verbo, como no exemplo: “Apesar de ser um goleador, Romário parou de jogar”. O conteúdo pressuposto é “Romário jogava” e é introduzido pela forma verbal “parou de jogar”. Alguns conectores também operam o papel de marcadores de pressuposição. Por



exemplo: “Antes de Lula ser eleito, Roseana Sarney renunciou à sua candidatura”, o conteúdo pressuposto é que “Lula foi eleito”, apresentado ao enunciado pelo conector “antes de”.

Estamos aqui considerando apenas os casos de pressuposição linguisticamente marcada. Aqueles que não se apresentam com algum tipo de marca linguística, são, por vezes, classificados como subentendidos, outras vezes como pressuposições em sentido amplo ou, simplesmente, como inferências (KOCH, 2006, p. 48).

Nos dois exemplos acima a marcação da pressuposição ocorreu na forma “parou de jogar” e “antes de”. Os pressupostos e subentendidos, utilizados, muitas vezes, no diálogo entre locutor e interlocutor, serão abordados no item 3.3.

3.3 Implícitos (Pressupostos e subentendidos)

De acordo com Fiorin (2002), os implícitos são formados por pressupostos e subentendidos. O pressuposto é uma informação que vem inscrita na mensagem de forma explícita, ou seja, vem a reboque do conteúdo que o falante quer passar para seu interlocutor, propositada ou despropositadamente. Muitas vezes, é imposto como algo verdadeiro e evidente, como uma informação indiscutível.

De acordo com formulação de Orecchioni, o pressuposto é a informação que não é abertamente posta, isto é, que não constitui o verdadeiro objeto da mensagem, mas que é desencadeada pela formulação do enunciado, no qual ela se encontra intrinsecamente inscrita, independentemente da situação de comunicação (FIORIN, 2002, p. 181).

Neste ponto fica evidente a formulação da teoria dos atos de fala de que nem todos os dados que compõem determinado fato são expostos, havendo determinados conteúdos que ficam intrínsecos no enunciado e são compreendidos apenas ao tomar conhecimento daquilo que está exposto. Já o subentendido está localizado nas palavras do enunciado, mas em sentido não-literal, ou seja, o subentendido, conforme Fiorin (2002, p. 184), “é um meio de o falante proteger-se, porque, com ele, diz o que quer sem se comprometer. Com os subentendidos, diz-se sem dizer, sugere-se, mas não se diz”.

Pode-se, também, analisar subentendidos e pressupostos sob a seguinte ótica:



Pedro parou de fumar, nota-se que há um conteúdo explícito, *Pedro não fuma atualmente*, e dois conteúdos implícitos, *Pedro fumava antes* e *Que isto sirva de exemplo para você*. O primeiro conteúdo implícito é um pressuposto, pois é veiculado pelo enunciado, no qual se acha incontestavelmente inscrito. Um falante não poderia usar o verbo *parar*, se não quisesse veicular a informação de que um evento acontecia antes do momento da fala. Já o segundo conteúdo implícito é um subentendido, pois depende de um contexto particular (por exemplo: o falante vem insistindo com o interlocutor para que ele pare de fumar) O conteúdo explícito é denominado posto e é o verdadeiro objeto do dizer (FIORIN, 2002, p 181).

Mais uma vez há a comprovação de que a linguagem é utilizada de acordo com os objetivos do locutor, como no exemplo acima do conteúdo subentendido.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste trabalho, enfocamos aspectos concernentes à pragmática, portanto, para que haja coerência com os objetivos a que o trabalho se propõe com as conceituações existentes, foi feita uma pesquisa bibliográfica, que permitiu que se estabelecesse um panorama conceitual da pragmática da comunicação.

A análise do conteúdo será feita mediante as categorias pragmáticas delineadas e descritas por Koch (2006) e Fiorin (2006), destacando-se, na análise, os operadores argumentativos, os marcadores de pressuposição e os implícitos.

O *corpus* é composto de textos impressos e orais, como diálogos e anúncios publicitários.

5 ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A seguir expõem-se de forma sistemática os itens como diálogos, operadores argumentativos, implicaturas e os implícitos na linguagem, explicados no item 3 e que demonstram o uso pragmático da linguagem.



5.1 Diálogos

Este item se coaduna à dimensão ilocutiva e perlocutiva dos enunciados, tomando por base os diálogos estabelecidos nos quadrinhos de jornais, também conhecidos como “tirinhas”.

a) Diálogo 1

Neste item também se busca analisar o lado ilocutivo e perlocutivo presentes nos diálogos humanos.



Figura 2: Hagar
Fonte: Zero Hora, 20/02/2010

Na pergunta “a que horas seus pais vão dormir?” está a força de afirmação “quero ficar a sós com você” e fica implícito que os pais dela não os deixam ficar sozinhos, em virtude da distância que o rapaz e a moça estão e que os pais dela estão exatamente entre eles.

b) Diálogo 2

Este item se propõe a demonstrar a dimensão ilocutiva e perlocutiva que os enunciados podem adquirir.

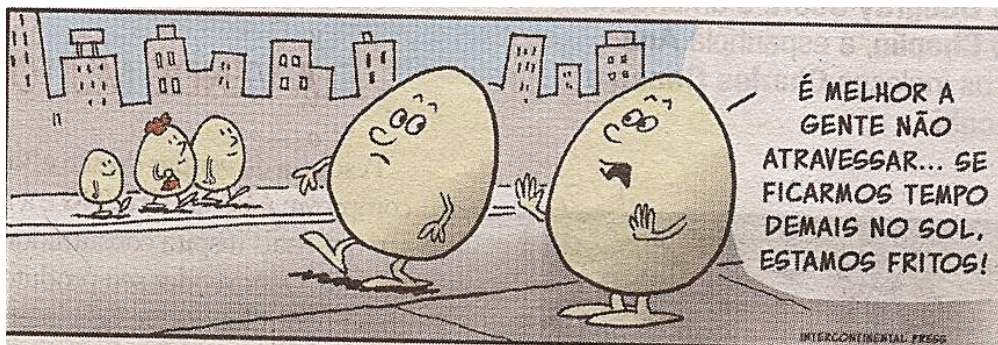


Figura 3: Frank & Ernest
Fonte: Zero Hora, 10/03/2010

Nesta tirinha, os dois personagens que aparecem dialogando são dois ovos. Eles estão na calçada e querem atravessar a rua. Pela figura, depreende-se que o sol que incide sobre a rua está muito quente, conseqüentemente, a temperatura do asfalto está elevada. A fala, “se atravessarmos a rua estaremos fritos”, tem valor literal e não-literal para os personagens naquele momento. Fritos, pois o calor do asfalto os levará ao cozimento e porque estarão em má situação e aí utilizam a gíria “estar frito”.

c) Diálogo 3

Este diálogo visa explicitar a dimensão ilocutiva e perlocutiva presente na conversação.



Figura 1: Turma da Mônica
Fonte: Zero Hora, 21/04/2010

A personagem Magali degusta do salgadinho indicando que ele seria de sua propriedade. Já Cascão mostra que havia oferecido apenas uma prova do seu salgadinho e sua pergunta, “por que você não compra um para você?”, possui força de ordem para que ela lhe devolva o salgadinho, porque fica evidente que ela o comeria todo, “devolva



meu salgadinho e pegue um para você” é a afirmação que está ilocutivamente presente em sua pergunta.

Por meio dos diálogos utilizados neste item foi possível perceber que o uso da linguagem submete-se ao contexto em que se encontram os interlocutores. E as intencionalidades dos interlocutores dotam os enunciados de determinada força, de ordem ou de pergunta, por exemplo, e buscam que o receptor aceite a proposição do locutor e realize determinadas ações. Evidencia-se, assim, que os enunciado possuem força ilocutiva e perlocutiva.

5.2 Anúncios publicitários

Neste item busca-se expor a dimensão implícita ou implicaturas que a linguagem pode possuir, ou seja, as mensagens que são levadas ao receptor incrustadas naquilo que pode-se perceber explicitamente. Como exemplos da dimensão implícita da linguagem tem-se os anúncios publicitários publicados em jornais.

a) Anúncio 1

Por meio desse anúncio busca-se demonstrar as implicaturas presentes ao se utilizar a linguagem.



Figura 4: Anúncio publicitário do grupo RBS
Fonte: Zero Hora, 05/05/2010

Neste anúncio, o operador argumentativo “até” indica que todas as crianças serão atingidas pela coletânea, ou seja, comportadas e as não-comportadas. Outro jogo estabelecido é que somente se pega pelas orelhas as crianças mal-comportadas, pois isto se trata de um castigo, mas as bem comportadas e as mau comportadas serão pegas



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Londrina – PR - 26 a 28 de maio de 2011

pelas orelhas porque a coletânea tem o áudio do CD-ROM como um dos atrativos, e quer dar a entender que o conteúdo deste CD é bom, pois todas as crianças serão pegas.

b) Anúncio 2

Neste anúncio publicitário objetiva-se analisar os implícitos que compõem determinados tipos de enunciados.



Figura 5: Publicidade do grupo RBS
Zero Hora, 10/03/2010

O uso do operador argumentativo “ainda” indica que se refere a uma situação que não permanecerá daquela maneira, ou seja, o uso do “ainda” sentença que os pais um dia perderão o poder de escolher o que seus filhos escutam, e o verbo “aproveite” aliado ao operador “enquanto” sinaliza que é do agrado dos pais poderem escolher o que os filhos ouvem.

c) Anúncio 3

Este item tem por finalidade expor que os enunciados podem possuir conteúdos implícitos.

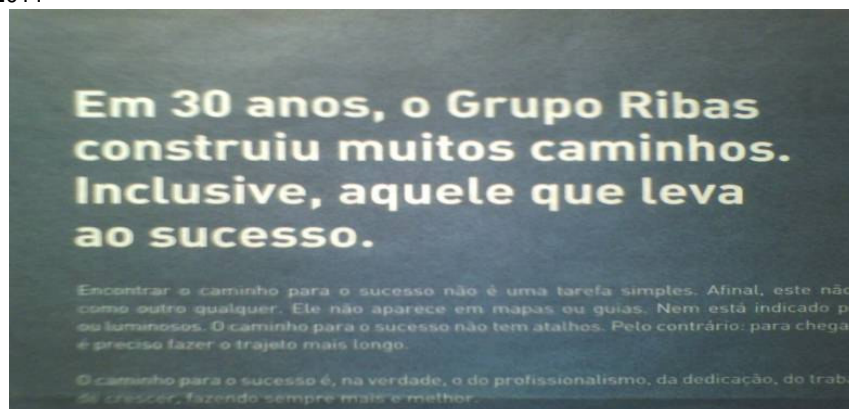


Figura 6: Publicidade do Grupo Ribas
Zero Hora, 05/05/2010

Esta peça publicitária quer dizer que a empresa trabalhou bastante durante sua existência, pois, diz “construiu muitos caminhos”, ou seja, trabalhou bastante. A frase “inclusive o do sucesso”, diz que a empresa foi bem sucedida em seu trabalho e que quem faz uso dos produtos e serviços oferecidos pela empresa também será bem sucedido.

Como podemos observar, por meio dos anúncios publicitários publicados em jornais é possível perceber que a linguagem ao ser utilizada pode ser carregada de implícitos, ou seja, de conteúdos incrustados naquilo que está explícito para o entendimento do interlocutor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho compreende-se que é possível por meio do uso da linguagem apreender a significação do que está sendo comunicado devido ao contexto em que se encontram os interlocutores. As noções introduzidas pela pragmática da comunicação contribuem para que se analise corretamente aquilo que é enunciado pelos interlocutores durante uma conversação e para que se compreenda melhor a importância que a linguagem possui para a vida humana, como um mecanismo de interação.

Os componentes pragmáticos analisados assinalam que o locutor quer passar para o receptor algum tipo de mensagem pela via da linguagem em uso. Ou seja, os componentes pragmáticos apontam a presença da argumentatividade do enunciado e destacam a presença das influências contextuais no conteúdo emitido.



Por meio dessa pesquisa também foi possível compreender que a linguagem por ter seu uso submetido à situação contextual dos interlocutores, possui grande parte de seu efeito reduzido quando o interlocutor recebe-a fora de sua situação inicial de emissão. Aliada a essa situação de emissão, reside o fato de que a linguagem refere-se a um objetivo de quem a utiliza de causar efeitos no interlocutor, portanto, ela está dotada de determinadas forças, evidenciadas pelos componentes pragmáticos, de ordem ou de pergunta, por exemplo, que visam corresponder aos objetivos daquele que ocupa a situação de emissor.

Como forma de comprovar todas essas afirmações acerca do uso contextual da linguagem, cita-se a análise dos elementos componentes do item 5, que comprovam que a linguagem adquire diferentes significações, dependendo das situações de enunciação (tempo, lugar, espaço, locutor, interlocutor e os objetivos do locutor ao utilizar a linguagem), podendo ser dotada de implicaturas, de força locucional e/ou ilocucional e de componentes capazes de apontar e enfatizar a argumentação do texto. Isso tudo comprova que a linguagem é submetida às vontades do locutor e à situação de emissão, ressaltando a importância da Pragmática da Linguagem, que estuda a linguagem aliada ao contexto em que é utilizada.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, John. **How to do things with words**. New York: Oxford University Press, 1965.
- DUCROT, Oswald. **Princípios de Semântica Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1976.
- FIORIN, José Luiz. **A linguagem em uso**. In: *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.
- GRICE, Paul. **Logic and Conversation**. New York: Academic Press, 1975.
- KOCH, Ingedore Villaça. **A interação pela linguagem**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **Argumentação e Linguagem**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997.